

A PRÉ-HISTÓRIA // O PERÍODO ROMANO // A HERANÇA MUÇULMANA

CAPÍTULO I

Não é possível a contar a história da Quinta do Anjo, sem começar por falar das Covas dos Mouros. O que lá encontramos hoje são quatro grutas artificiais, escavadas na rocha, cuja entrada demasiado apertada para um adulto, dá ao lugar uma certa aura de mistério, como se entrássemos no útero da mãe natureza (desculpem-me a comparação). Uma vez dentro da calota, a clarabóia deixa entrar uma luz filtrada e os sons do exterior desaparecem por completo. Entra-se num outro mundo. Mesmo para quem desconheça a função que teve, o lugar não deixa ninguém indiferente.

Na época em que foram estudadas pela primeira vez, no final do séc. XIX, as grutas causaram sensação no mundo da arqueologia e atraíram ao local a atenção de especialistas estrangeiros. Aposto que na aldeia este facto não teve qualquer impacto. Talvez alguém tenha estranhado o movimento de forasteiros em torno do local, mas cada um seguiu com a sua vida.

A DESCOBERTA DAS GRUTAS

A descoberta «oficial» das grutas deu-se por acidente, quando em meados do século XIX, uma pedra instalada no local danificou duas das quatro grutas, as mais próximas do Casal do Pardo. Felizmente a extração da pedra foi suspensa e de Lisboa vieram dois geólogos para examinar o local.

Supõe-se que a zona tenha sido observada pela primeira vez em 1866 por Nery Delgado³ e Pereira da Costa⁴, ambas da Comissão Geológica, mas não são conhecidas anotações dessa visita.

No entanto, suspeita-se que antes disso já se soubesse da existência destas sepulturas. Marques da Costa refere que encontrou algumas peças no museu de Arqueologia cuja etiqueta informa que foram retiradas das grutas funerárias de Quinta do Anjo e oferecidas ao museu pelo duque de Palmela. Ora, se o duque referido foi Pedro de Sousa Holstein, a entrega teria sido feita antes de 1850, ano em que faleceu, o que coloca a descoberta das grutas numa data anterior à década de 50 do séc. XIX.

O INÍCIO DA ARQUEOLOGIA em Portugal teve a mãozinha delicada de D. Maria I. Certo dia, durante um passeio pelo Sado, a jovem e futura rainha avistou as ruínas de Troia e fez questão de visitar o local. Determinou as ruínas deveriam ser escavadas e estudadas, mas só décadas mais tarde, se reuniram as condições mínimas para o fazer, tornando-se Troia no primeiro local arqueológico a ser explorado em Portugal.⁶⁰

Para cumprir os desejos de D. Maria I, Pedro Holstein, duque de Palmela, fundou, com D. Fernando II, consorte de D. Maria II, e outros intelectuais da época, a *Sociedade Archeologica Lusitana*, a primeira associação portuguesa dedicada à arqueologia, com sede em Setúbal, destinada a iniciar as escavações e o estudo das ruínas romanas de Troia.⁶¹

Sabe-se que o duque de Palmela acompanhava o pai, Alexandre Holstein nas várias escavações arqueológicas que coordenava durante o período em que foi embaixador em Roma, tornando-se ele próprio num arqueólogo amador.

Cronologia das escavações da necrópole do Casal do Pardo





**ÉMILE
CARTAILHAC**
(1845-1921),
arqueólogo,
natural de Tou-
louse, começou
por escavar os
locais megalíti-
cos de Aveyron
no sul de França

e em 1867 torna-se responsável pela secção de arqueologia da Feira Mundial de Paris. Em 1880 deslocou-se a Lisboa para assistir ao congresso dedicado à Pré-história e, em 1883 visitou a Quinta do Anjo para observar no local as Covas dos Mouros. Publica, mais tarde, as suas próprias observações no livro *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal* onde compara as cerâmicas de Quinta do Anjo com as encontradas nos túmulos neolíticos de França, Irlanda e Sicília.⁶²

1 Émile Cartailhac

Lamentavelmente, só depois da irremediável destruição de duas das grutas é que a necrópole despertou a atenção dos geólogos. Na altura ainda não existia a licenciatura em arqueologia em Portugal e os geólogos tornavam-se arqueólogos por experiência, no trabalho de campo.

Em 1876 a necrópole é estudada pela primeira vez com rigor científico, por António Mendes, coletor de Geologia, sob a orientação de Carlos Ribeiro, considerado o pai da arqueologia em Portugal⁵. Dois anos depois, em 1878, Carlos Ribeiro levou para França alguns dos objetos encontrados nas grutas e exibiu-os na Exposição Antropológica de Paris. Os objetos devem ter despertado a curiosidade internacional, porque a partir dessa data, as grutas começaram a ser referidas em vários livros da especialidade. Vários arqueólogos estrangeiros deslocam-se mesmo à Quinta do Anjo para visitar a necrópole, nomeadamente Émile Cartailhac, o responsável pela divulgação das grutas de Altamira.

Carlos Ribeiro foi, portanto, quem primeiro percebeu a importância das grutas e terminou o primeiro volume da sua obra *Estudos prehistoricos de Portugal*, escrevendo: *Findaremos aqui (...) e oportunamente descreveremos as cavernas artificiaes de Palmella, as quaes offerecem subido interesse de-baixo de muitos pontos de vista*⁶. Infelizmente, faleceu pouco depois de publicar o livro, ficando por escrever o capítulo sobre o Casal do Pardo.

Graças às suas grutas, a Quinta do Anjo passa então a despertar o interesse de arqueólogos e antropólogos nacionais e internacionais, mas para a população, os sepulcros neolíticos, continuaram a ser as Covas dos Mouros – um lugar ignorado. Até mesmo José Bárcia ou Júlio de Castilho,⁷ que visitaram a aldeia poucos anos depois e que, em Lisboa se dedicavam ao estudo do património, parecem não ter dado qualquer importância à necrópole Neolítica.

O que pensariam os nossos antepassados do local? Se por lá existiam fantasmas, garanto que foram todos expulsos pelas crianças que usavam o local para brincar aos índios e *cowboys*, polícias e ladrões.



2 Paisagem junto à gruta 3. Fotografia anterior a 1961.



3 Vista da envolvente das grutas. Maio 2020.

MARQUES DA COSTA E «O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS»

Em 1902⁸ Marques da Costa iniciou o estudo e a escavação completa das grutas, relatando as suas descobertas em artigos na revista *O Archeologo Português*. No primeiro artigo começa por fazer um enquadramento do local do ponto de vista geológico:

Quem de Lisboa observar o horizonte ao sul do Tejo descobre no seu extremo a crista de uma serra, que se desenvolve de leste a oeste entre os dois velhos castellos de Palmela e Cezimbra, sendo dominada ao centro pelas penhascosas montanhas do Formosinho e Picoto da Arrábida⁹. [...]

O mar que então cobria o terreno que forma agora essas montanhas¹⁰ era viveiro de animais marinhos tais como o «Carcharia megalodon»¹¹, a «Ostrea crassissima», a «Ostra crassicostata», o «Pecten jacobeus»¹², «Clypeaster»¹³, a «Scutella»¹⁴, as «Turritella»¹⁵, etc., cujos restos mortuários se depositaram e deixaram de si memoria nos fosseis que actualmente se observam em profusão na parte que resta da camada miocena, que formava o fundo d'esse antigo oceano. Marques da Costa descrevia assim como era a península de Setúbal durante o Miocénico: uma zona submersa há cerca de 180 milhões de anos¹⁶, sendo a Arrábida uma ilha. Com a contração das placas tectónicas, o mar regrediu e o relevo tomou a forma que é conhecida hoje.

Orlando Ribeiro, o mais famoso geólogo português, explicava a formação da zona da Arrábida da seguinte forma: *Devido ao successivo resfriamento e consequente contracção do planeta que habitamos, a crusta solidificada, que desde a esphera central da terra ainda fluida chegava até o fundo d'esse mar, encarquilhou-se como a pelle de uma uva que se secca, a ponto de fazer saliencias acima do oceano e formar uma elevada ilha, de que a actual Arrabida não é mais do que um vestigio, comparavel aos restos de altivo e grandioso monumento a que as injurias do tempo não tivessem deixado senão pequenas porções das suas arruinadas paredes.¹⁷*

Resumindo, há cerca de 180 milhões de anos a Quinta do Anjo estava submersa e, se não fosse a erosão do solo, a serra da Arrábida seria muito mais alta.

... DEPOIS OS DINOSSAUROS...

Antes de retomar as descrições de Marques da Costa, tenho de acrescentar algumas notas sobre dinossauros. No concelho de Sesimbra há vários locais onde se podem ver pegadas de dinossauros, mas o local conhecido como Pedra da Mua, nas arribas do Cabo Espichel, ganha o prémio de originalidade. Nesse local são visíveis umas pegadas marcadas na rocha. Reza a lenda que essas pegadas eram de uma mula gigante que subia a escarpa, carregando às costas Nossa Senhora. Na verdade, são pegadas de saurópodes e de terópodes do Jurássico¹⁸, mas às vezes não sei qual versão é mais fantástica: a mítica ou a científica...

... E POR FIM O HOMEM

Foi preciso esperar mais alguns milhares de anos e mudanças radicais no clima para que o homem surgisse por estas paragens. O aquecimento

**ANTÓNIO INÁCIO MARQUES DA COSTA**

(1857-1933)

Natural de Leiria, interessou-se desde muito novo por arqueologia. Seguiu a carreira militar

no exército chegando a Tenente-coronel. Depois de 1899, tornou-se professor de matemática em Setúbal e em simultâneo dedicou-se ao estudo da arqueologia no distrito, com especial destaque para as ruínas romanas de Troia. Em 1896 publicou o seu primeiro artigo sobre os vestígios romanos de Alferraz, perto de Palmela. Graças ao seu trabalho rigoroso e vasto conhecimento de geologia, antropologia e arqueozologia, tornou-se num dos pioneiros na arqueologia em Portugal. Ao longo de vários anos publicou na revista *O Archeologo Português* vários artigos onde identificou os locais com interesse arqueológico até então desconhecidos, muitos dos quais só seriam estudados várias décadas depois da sua morte.

⁴ Marques da Costa, pouco antes de se ter dedicado às atividades arqueológicas.



⁵ Em alguns locais na crista da serra do Louro o solo está cravado de fósseis de ostra, vestígios da época em que a zona se encontrava submersa.